

**“PRESIDENTA DA REPÚBLICA, MULHER E CIDADÃ”:** uma análise da identidade de gênero nos discursos de Dilma Rousseff (2011-2013)

**Monalisa Soares Lopes<sup>1</sup>**

**RESUMO**

Em outubro de 2010, foi eleita a primeira mulher para presidir o Brasil: Dilma Rousseff. Durante a campanha eleitoral, a condição de gênero foi vastamente mobilizada como recurso discursivo para construir o diferencial que representava a candidata. No presente artigo, interessa compreender que significados a identidade de gênero assume nos discursos de Dilma Rousseff, no contexto da gestão do executivo federal. A pesquisa tem como fonte de análise discursos, pronunciamentos e entrevistas da presidenta, no período de janeiro de 2011 a dezembro de 2013.

**Palavras-chave:** Gênero. Discursos. Dilma Rousseff.

**ABSTRACT**

In October of 2010, it was elected the first woman to become President in Brazil: Dilma Rousseff. During the campaign, the gender condition was largely made like speech resource to build the difference which represents the candidate. In this paper, it concerns to understand what meanings the gender identity assumes in Dilma Rousseff's speeches, in the context of Executive Federal Management. The research has its source speeches, statements and interviews of the President, in the period of January of 2011 to December of 2013.

**Keywords:** Genre. Speech. Discourse. Dilma Rousseff.

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Ceará (UFC)/Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza (FAMETRO). E-mail: monalisaslopes@gmail.com



## 1. INTRODUÇÃO

As eleições presidenciais de 2010 tiveram grande repercussão. O principal evento que colocou essa disputa no rol dos importantes fatos políticos da história brasileira foi o resultado do pleito: no dia 31 de outubro de 2010, ocorreu a eleição da primeira mulher presidenta do Brasil. Dilma Rousseff elegeu-se para o executivo federal, sem nunca ter disputado outros cargos eletivos. Com biografia marcada pela atuação técnica, a função de maior destaque desempenhada até então havia sido a chefia do Ministério da Casa Civil, durante os mandatos de Lula.

Em seu percurso para a construção de uma imagem pública singular, destacam-se os esforços de Dilma Rousseff em realçar elementos relacionados à sua identidade de gênero. Essa estratégia emerge no período da campanha eleitoral e ganha novos contornos a partir da dinâmica da gestão do executivo federal.

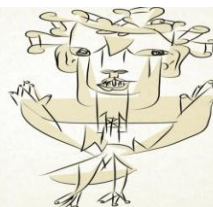
## 2. DESENVOLVIMENTO

A primeira atitude mais significativa nessa afirmação da condição de gênero foi a decisão pelo uso do termo presidenta. A opção pela designação “presidenta”, usado ainda no período eleitoral, buscava reforçar a ideia de que caso eleita, Dilma Rousseff realizaria um feito inédito na história política do país: se tornaria a primeira mulher na Presidência da República. Logo após a posse, ainda em janeiro de 2011, a presidenta informou publicamente a preferência pelo termo para sua nomeação, e em abril do mesmo ano sancionou a Lei 12.605/12, a qual decretava que as “instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o grau obtido” (Art. 1º).

Nos discursos, pronunciamentos e entrevistas, a presidenta busca construir identificações acionando representações como mãe, mulher de luta/coragem e mulher comum. Além das representações anteriormente citadas, o discurso de gênero é acionado também para destacar o pioneirismo de uma mulher na posição da Presidência da República, assim como para a construção da imagem de um governo feminino.

### 2.1. A mulher brasileira: uma mãe que luta.

As imagens *mulher* e *mãe* são recorrentemente associadas ao repertório de representações sociais. A possibilidade biológica de engravidar é construída socialmente



através dos imaginários que condicionam a realização das mulheres à maternidade e articulam a capacidade de um amor incondicional às mulheres traduzido no cuidado com os filhos. Socialmente, mãe é uma palavra associada ao cuidado, afeto, sensibilidade, proteção. No campo político, o uso da imagem *mãe* busca trazer para a construção das imagens públicas das mulheres estas características tidas como “naturais” da condição do feminino.

Ao longo da campanha eleitoral, Dilma Rousseff apresentou sua faceta mãe apresentando a filha no HGPE e tirando “um dia de folga” da campanha para ir visitar o neto que havia acabado de nascer. Após ser eleita, a representação de *mãe* foi acionada logo em seu discurso de posse. Nele, a presidenta destaca o carinho e o cuidado, características do feminino desenvolvidas com a maternidade, como norteadores de sua gestão:

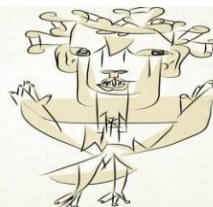
“[Mulher] É carinho também. Carinho que dedico a minha filha e ao meu neto. Carinho com que abraço a minha mãe que me acompanha e me abençoa. É com esse imenso carinho que quero cuidar do meu povo, e a ele dedicar os próximos anos da minha vida.” (Discurso de Posse, 01/01/2011)

No segundo ano de mandato (2012), na esteira da condição de mãe, a presidenta passa a apresentar novos programas e políticas públicas que seriam fruto da sensibilidade de uma gestora “*que também é mãe*”, e por isso saberia identificar as necessidades de seus filhos e buscaria os meios para resolvê-las:

“Talvez seja essa a primeira vez que, desta cadeira presidencial, alguém faz um pronunciamento no *nosso dia*, o Dia das Mães. Não por acaso, é também a primeira vez que *nosso país tem uma presidenta, uma mulher que é mãe, filha e avó. Uma mulher, que como a maioria de vocês, já se emocionou nessa data.* [...] Quero anunciar, hoje, o lançamento da ação Brasil Carinhoso, que irá tirar da miséria absoluta todas as famílias brasileiras que tenham crianças de 0 a 6 anos de idade. O nome da ação diz tudo: Brasil Carinhoso. É o Brasil cuidadoso, o Brasil que cuida bem do seu bem mais precioso: as nossas crianças. Que tem carinho e amor por elas.” [Pronunciamento Dias das Mães, 13/05/2012. Grifo Nosso.]

É significativo destacar que Dilma Rousseff use os espaços de Pronunciamento à Nação para estabelecer essa comunicação direta com as mães brasileiras. Esses momentos são caracterizados por ampla visibilidade, pois são transmitidos por todos os canais abertos de televisão do país, interrompendo a programação cotidiana das TVs. Além disso, a realização de um Pronunciamento à Nação no Dia das Mães é relevante para a estratégia política de simbolizar as especificidades de uma gestão que tem uma mulher à frente.

Muito associada à ideia de mãe, outra representação bastante usada por Dilma Rousseff em seus discursos de gênero é a *mulher de luta*. A ideia de que as mulheres, a despeito de serem tidas como sexo frágil, são também portadoras de grande coragem para lutar e enfrentar os desafios da vida, encontram eco na música popular brasileira, essa mulher de luta e coragem é representada como “*uma força que nos alerta*”, como alguém



que “*possui a estranha mania de ter fé na vida*”. Essa representação das mulheres em geral, e das brasileiras em particular, buscam articular ao feminino características reconhecidas como do universo masculino (coragem, força etc).

Em seu discurso de posse perante o Congresso Nacional, a presidenta se apresenta como uma mulher brasileira que traz consigo a força e a coragem, e que espera receber o apoio das demais mulheres brasileiras para enfrentar o novo desafio que seria governar o Brasil,

Sei, também, como é aparente a suavidade da seda verde-amarela da faixa presidencial, pois ela traz consigo uma enorme responsabilidade perante a nação. Para assumi-la, *tenho comigo a força e o exemplo da mulher brasileira*. Abro meu coração para receber, neste momento, uma centelha da *sua imensa energia*.” [Discurso perante o Congresso Nacional na Posse (01/01/2011). Grifo nosso.]

Barreira (1998) afirma que o uso de características relacionadas ao masculino como fortaleza, coragem e garra para compor imagens de mulheres em cenários políticos revela que “mulheres portadoras de atributos ‘masculinos’ estão aptas a ingressar na política, ou melhor, até mais preparadas em razão do acréscimo de outras qualidades” (p. 107). Dilma Rousseff, ao tentar construir essas articulações entre características dos universos distintos de gênero, ressignifica essas relações na medida em que situa a coragem como característica feminina, a partir do enquadramento de gênero da palavra na língua portuguesa

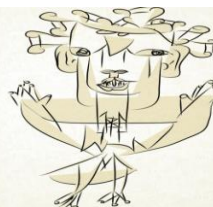
[...] Na língua portuguesa, palavras como vida, alma e esperança pertencem ao gênero feminino, e são também femininas duas outras palavras muito especiais para mim: coragem e sinceridade. Pois é com coragem e sinceridade que quero lhes falar no dia de hoje.” [Discurso Abertura Assembleia Geral da ONU, 21/09/2011]

Sensibilidade e coragem são apresentadas como duas faces de uma mesma moeda. Nos discursos, a presidenta evidencia que conduz suas ações frente aos desafios orientada por essas características. Ao tratar da violência doméstica, um dos principais problemas enfrentados pelas mulheres no Brasil<sup>2</sup>, esses elementos são claramente mobilizados na medida em que Dilma Rousseff faz um apelo, seguido de um aviso, aos agressores:

“Faço um especial apelo e um alerta àqueles homens que, a despeito de tudo, ainda insistem em agredir suas mulheres. Se é por falta de amor e compaixão que vocês agem assim, peço que pensem no amor, no sacrifício e na dedicação que receberam de suas queridas mães. Mas se vocês agem assim por falta de respeito ou por falta de temor, *não esqueçam jamais que a maior autoridade deste país é uma mulher, uma mulher que não tem medo de enfrentar os injustos nem a injustiça, estejam onde estiverem*.” [Pronunciamento Dia Internacional da Mulher, 08/03/2013. Grifo Nosso.]

<sup>2</sup> “Entre 1980 e 2010 foram assassinadas mais de 92 mil mulheres no Brasil, 43,7 mil somente na última década. Segundo o Mapa da Violência 2012 divulgado pelo Instituto Sangari, o número de mortes nesse período passou de 1.353 para 4.465, que representa um aumento de 230%. Cabe ressaltar que no ano de 2006, foi sancionada por Lula, então Presidente da República Lula, a lei 11.340/06 mais conhecida como Lei Maria da Penha, que tipifica o crime de violência doméstica contra a mulher.” Para mais informações ver: <http://www.compromissoeatitude.org.br/home/pagina-inicial/>.





A apresentação da Presidenta da República como uma mulher brasileira que por experiência própria reconhece os cotidianos de luta das outras mulheres, constitui-se num movimento de construção de identificações que visa a sensibilização e a busca por apoio desse segmento social. Uma marca desses discursos de Dilma Rousseff é a percepção de que as mulheres brasileiras podem ser parceiras da presidenta na gestão do país. É enfatizada a ideia de que a vivência diária da desigualdade de gênero, na vida doméstica e em outros espaços de sociabilidade, torna as mulheres aptas a contribuir na construção de uma sociedade equânime para homens e mulheres.

“Hoje, Dia Internacional da Mulher, é uma data ideal para *uma presidenta falar com suas irmãs brasileiras*, de coração aberto, *de mulher para mulher*. [...] Minha chegada à Presidência significou um momento único de afirmação da mulher na sociedade brasileira. Não esqueço isso um só minuto, e sei que nenhuma de vocês esquece disso quando olha para mim. [Pronunciamento 8 de Março – Dia Internacional da Mulher, 08/03/2012. Grifo Nosso.]

Há também, neste discurso, a representação de que o sucesso da luta das mulheres na formação de uma sociedade mais igualitária exige o engajamento de todas, pois a construção das mudanças é da ordem do cotidiano.

“Nós, só juntas, conseguiremos avançar e superar os obstáculos. [...] Nós vamos fazer, juntas, a maior revolução pacífica que uma sociedade pode empreender: a construção de uma sociedade de iguais. Uma sociedade [falha no áudio] podem sonhar e realizar qualquer sonho, inclusive aquele [falha no áudio] que eu, quando criança, nunca tive porque nunca me parecia... nem passava, eu acho, pela cabeça de ninguém: o sonho de ser presidentas da República.” [Discurso Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, (12/12/2011)]

É relevante observar como o discurso evidencia dois elementos pertinentes sobre a desigualdade de gênero: a) meninas não são estimuladas a ter quaisquer sonhos, entre eles acreditar que podem ser Presidentas da República, e 2) as mulheres “juntas” têm responsabilidade e capacidade de construir uma realidade diferente, ou seja, há uma ênfase na ideia de que a luta precisa de todas. Esta estratégia discursiva retoma outra mobilizada no período eleitoral, Dilma Rousseff narrou que estava num aeroporto e foi abordada por uma menina que perguntou: “mulheres podem?”. A presidenta, à época candidata, disse que não havia entendido a pergunta e questionou a menina sobre o que as mulheres podiam, a menina complementou: “ser presidente?”. A resposta que Dilma Rousseff deu à menina foi: “sim, as mulheres podem”. Os usos de expressões como essas, “*sim, as mulheres podem*” e “*sim, nós podemos*” nos levam a refletir como as candidaturas de segmentos historicamente marginalizados de uma dada sociedade acionam discursos com forte apelo emocional para explicitar a desigualdade e também a luta por afirmação.

Outras marcas de sentimento que esse discurso mobiliza, e que percebemos nitidamente nas comunicações de Dilma Rousseff, são a esperança e a possibilidade que



um governo comandado por um representante de grupos com pouco reconhecimento na sociedade têm de construir uma realidade diferente.

*“Como Presidenta da República e como mulher, eu me dedico a ajudar o meu país a avançar na conquista da igualdade entre mulheres e homens, de todas as cores e raças, entre brasileiros e brasileiras, das diferentes regiões do país e, fundamentalmente, entre pobres e ricos. [...] Eu sinto-me representando as 97 milhões de brasileiras que cotidianamente, no seu trabalho e na sua família, são decisivas para o processo de transformação do Brasil. [...] [...] essas duas grandes confluências das mulheres lutando para ter seu lugar de reconhecimento e de valorização na sociedade e as mulheres ainda anônimas que lutam por isso devem ser as mulheres a quem eu agradeço este Prêmio, porque foram elas que me conduziram até aqui.” [Discurso entrega do Prêmio Diploma Mulher-cidadã Bertha Lutz, 13/03/2012. Grifo Nosso.]*

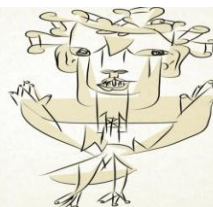
Barreira (1998) afirma que no caso das mulheres “o exame da capacidade de gestão não é feito a partir de uma pergunta dirigida pessoalmente à candidata e sim ao gênero do qual ela faz parte: têm as mulheres condição de exercer cargos executivos?” (p. 106). Esse tipo questionamento traz à tona a percepção de que as mulheres ao adentrarem em campos de atuação pouco identificados socialmente com o feminino estão a representar não somente a si próprias, mas a todas as mulheres. Esta responsabilidade extra, atribuída às mulheres em cenários políticos, aparece de forma contundente nos discursos de Dilma Rousseff:

*“Além do meu querido Brasil, sinto-me aqui também representando todas as mulheres do mundo. As mulheres anônimas, aquelas que passam fome e não podem dar de comer aos seus filhos; aquelas que padecem de doenças e não podem se tratar; aquelas que sofrem violência e são discriminadas no emprego, na sociedade e na vida familiar; aquelas cujo trabalho no lar cria as gerações futuras. [...] Junto minha voz às vozes das mulheres que ousaram lutar, que ousaram participar da vida política e da vida profissional, e conquistaram o espaço de poder que me permite estar aqui hoje.” [Discurso Abertura Assembleia Geral da ONU, 21/09/2011]*

O discurso que traz a pretensão de representar todas as mulheres também se constitui num agradecimento e reconhecimento da luta cotidiana que foi empreendida por outras antes dela. Fica ainda mais explícita a ideia de que cada mulher dá a sua contribuição para o avanço de todas.

É interessante notar que se por um lado as representações sociais de gênero levantam questionamentos sobre a capacidade das mulheres de atuarem nos espaços públicos, por outro constroem-se também dúvidas sobre em que medida ao assumirem posições com grandes responsabilidades as mulheres conseguem manter as características típicas do feminino e suas rotinas na vida privada com a família. Perguntas como “dá para conciliar a maternidade e o trabalho?” revelam a dualidade enfrentada pelas mulheres que decidem atuar nos espaços públicos (profissionais ou políticos).

Essa dualidade é expressiva de percepções sociais que associam os cuidados do mundo doméstico como exclusividade das mulheres. Entretanto, o que poderia ser



percebido como uma dificuldade para as mulheres ingressarem em campos historicamente marcados pela atuação masculina é subvertido como uma qualidade singular do feminino: as mulheres são capazes de conciliar responsabilidades do universo público e privado.

“Cada uma de nós, que teve de conciliar a vida profissional, a vida política, a vida cultural, a vida como militante de movimentos de mulheres e de movimentos sociais [...]” [Discurso Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, 12/12/2011]

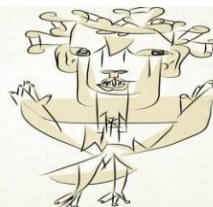
Outra característica dessa dualidade é a necessidade de que as mulheres, em espaços públicos de poder, têm de destacar esteticamente sua feminilidade. Exigência que não se apresenta explicitamente, mas que é observada nos discursos que promovem a construção de imagens

“A mulher tem, e eu tenho certeza que vocês que representam, aqui, todas nós, mas, especialmente, as mulheres do Bolsa Família, têm poder para priorizar os filhos no uso do dinheiro recebido pelo programa. E também – e aí é uma coisa que eu vou afirmar aqui, alto e bom som –, e também para, com o dinheirinho que sobrar, comprar um esmalte ou um batom, para ficar mais bonita e sedutora. [...] Eu acho belíssima aquela imagem que a Odete pega o alicate e a câmera foca nas unhas absolutamente lindas e esmaltadas da Odete. *Nós vamos – não é, Odete? – para a construção civil, mas de unha pintada.*” [Discurso Celebração dos 10 anos do Programa Bolsa Família, 30/10/2013. Grifo Nosso.]

O fato de ser uma mulher que ocupa o mais alto cargo de poder do país acentua a dualidade público e privado para Dilma Rousseff. A presidenta é representada por colegas de trabalho (homens e mulheres) como uma pessoa bastante comprometida com suas obrigações profissionais, sendo alguém que gosta de trabalhar. Nas entrevistas, sempre surgem perguntas relacionadas às atividades que Dilma, a mulher comum, realiza. Questionamentos referentes a atividades desenvolvidas no tempo livre e sobre as mudanças que a dinâmica da Presidência da República impôs a sua vida privada são bastante recorrentes. As respostas buscam dar uma percepção de quem é essa Dilma, “uma mulher como outra qualquer”.

“Eu sempre chego aqui para dormir. Eu não consigo dormir... ou eu leio, ou eu escuto música, eu leio. [...] Quando eu não tinha livro, eu já li até bula de remédio, você não tem jeito, não é? Mas isso foi em outra circunstância da minha vida, que eu não tinha livro, eu lia qualquer coisa. Ler é, para mim, uma forma de você ver o mundo.” [Entrevista concedida ao Programa do Ratinho – 07/10/2013]

Nesses diálogos com os jornalistas, a Dilma Rousseff que aparece é a mulher que tem gosto pela leitura e é uma apreciadora de arte (pinturas, cinema). A Dilma, mulher comum, sente falta da privacidade para entrar numa galeria, ir ao cinema, andar pelas ruas das cidades. Morar num Palácio evidencia a falta de funcionalidade para levar uma vida comum, em que é impossível cozinhar, por exemplo. Segundo a presidenta, são as caminhadas matinais e os dias que passa com o neto que expressam a simplicidade da vida comum.



É interessante notar que essas informações sobre a intimidade da presidenta são veiculadas a partir das entrevistas. Carvalho (2013) afirma que as entrevistas têm “como forma paradigmática a da conversa reveladora” (p. 123), e por sua estrutura oferecem à audiência “a intimidade, o tom coloquial, a corporalidade” (p. 124). Essa estrutura discursiva das entrevistas permite compreendê-las como o espaço de comunicação estratégico para que atores políticos façam revelações acerca de sua vida íntima, possibilitando que o eleitorado reconheça neles características mais descontraídas em contraponto à austeridade do poder.

## 2.2. O pioneirismo: marcos da conquista das mulheres.

Uma característica relevante dos discursos e imagens de mulheres na política é a reivindicação do pioneirismo, essa seria uma forma emblemática da construção da representação feminina nos espaços políticos (BARREIRA; 1998). O direito a participar da vida política nacional, podendo votar e ser votadas, foi conquistado pelas mulheres brasileiras em 1933. Ao longo do século XX, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990<sup>3</sup>, as mulheres foram construindo sua participação no cenário político com as vitórias eleitorais de prefeitas, governadoras, vereadoras e deputadas (estadual ou federal). Apesar de alguns avanços, a presença das mulheres em cargos públicos ainda é diminuta<sup>4</sup>, o que expressa a existência de elementos que dificultam sua participação nos espaços políticos, conforme Miguel (2010)

A participação política das mulheres é limitada por fatores materiais e simbólicos, que prejudicam sua capacidade de postular candidaturas, reduzem a competitividade daquelas que se candidatam e atrapalham o avanço na carreira política daquelas que se elegem. (p. 26)

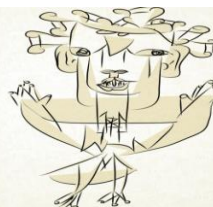
A partir desse prisma, torna-se compreensível que as mulheres, ao assumirem cargos públicos, mobilizem amplamente recursos simbólicos no sentido de construir a representação do pioneirismo como “um discurso sem origens, fazendo com que a ocupação de funções políticas por mulheres apareça como *ato fundador*.” (BARREIRA, 1998, p. 153).

O pioneirismo recebeu bastante destaque nos discursos proferidos pela Presidenta na cerimônia de posse, ser a primeira mulher eleita para presidir o Brasil é

<sup>3</sup> Em 1997 foi aprovada a lei 9.504/97, que estabelece a Cota Eleitoral de gênero. O artigo 10º estabelece que “Do número de vagas resultante das regras previstas neste artigo, cada partido ou coligação preencherá o mínimo de 30% (trinta por cento) e o máximo de 70% (setenta por cento) para candidaturas de cada sexo”.

<sup>4</sup> Apesar de representarem 51,95% do eleitorado no país, o percentual de mulheres no Congresso Nacional não chega a 10%, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Mais precisamente, no pleito eleitoral de 2010, das 513 vagas para o Congresso Nacional só foram eleitas 45 mulheres, o equivalente a 9% do total.





representado por Dilma Rousseff como algo que deve envaidecer não a ela pessoalmente, mas a todas as mulheres brasileiras:

"Pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá o ombro de uma mulher. Sinto uma imensa honra por essa escolha do povo brasileiro e sei do significado histórico desta decisão. [...] Venho para abrir portas para que muitas outras mulheres também possam, no futuro, ser presidentas; e para que – no dia de hoje – todas as mulheres brasileiras sintam o orgulho e a alegria de ser mulher. Não venho para enaltecer a minha biografia; mas para glorificar a vida de cada mulher brasileira" [Discurso perante o Congresso Nacional na Posse (01/01/2011)]

O pioneirismo como ato fundador também é enunciador de novos tempos, nos quais outras mulheres poderão romper as barreiras de gênero levantadas em outros campos da vida social. Assim ocorre com a decisão da presidenta de nomear Graça Foster para a Presidência da Petrobrás.

"Eu venho, na condição da primeira Presidenta eleita no Brasil, para assistir à posse da primeira mulher presidenta de uma empresa de petróleo e gás no mundo. [...] Sem sombra de dúvida, com Graça na Presidência, a Petrobras estará em boas mãos. Eu conheço bem a capacidade de trabalho, a competência e a seriedade com que a Graça se dedica, não só a esta empresa, como a tudo que fez e faz na sua vida profissional." [Posse Graça Foster – Presidência da Petrobrás, 13/02/2012]

Esse novo tempo inaugurado através do pioneirismo de mulheres, em espaços historicamente marcados pela presença masculina, é traduzido materialmente para Dilma Rousseff como a constituição de um *governo feminino*.

### **3. Governo feminino: a construção de uma categoria de gênero nativa.**

Mas o que seria um *governo feminino*? Por não possuir uma conceituação definida, essa categoria resvala para uma polissemia que se expressa no discurso de Dilma Rousseff. A análise dos discursos evidencia ao menos quatro nuances: a) o governo feminino é caracterizado pela forte presença das mulheres, sobretudo, em postos centrais da gestão, b) o governo feminino é aquele que por ter muitas mulheres na sua composição construiu um "olhar" diferente na condução das políticas públicas, c) o governo feminino é aquele que promove os direitos das mulheres e d) o governo feminino é o que mais realizou políticas públicas em benefício das mulheres.

Como visto anteriormente, a ocupação de postos de poder pelas mulheres ainda é diminuta no cenário político brasileiro. Quando elas participam dos governos e legislativos, atuam em campos que reforçam os estereótipos de gênero da mulher-cuidadora. Como afirmam Miguel e Biroli (2009):

"O âmbito considerado "próprio" para a política feminina - questões sociais; questões ligadas à família, à infância e à adolescência; meio-ambiente etc. - é também aquele que menos impulsiona as carreiras políticas e que possui menor visibilidade na cobertura jornalística da política." (p. 67)



Diante desse quadro, ampliar a participação das mulheres no governo e nomeá-las a cargos centrais do poder evidenciariam, na perspectiva de Dilma Rousseff, os esforços na construção de um governo feminino,

“Fui eleita a primeira mulher Presidenta do Brasil 121 anos depois da Proclamação da República e 78 anos depois da conquista do voto feminino. Somos 52% dos eleitores, mas apenas 10% do Congresso Nacional. *Tenho me esforçado para ampliar a contribuição feminina nos espaços decisórios* – dez Ministérios do meu governo são comandados por mulheres. Em especial, quero enfatizar que o núcleo central do meu governo é constituído por mulheres ministras.” [Colóquio Participação das Mulheres (Nova Iorque), 19/09/2011. Grifo Nosso.]

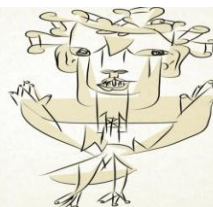
Barreira (1998) aponta que um relevante argumento em defesa da participação das mulheres na política estaria relacionado ao fato de que a experiência feminina permitiria às mulheres um olhar diferenciado sobre a política e seus desafios. Essa perspectiva se consolida teoricamente na ideia de “política do desvelo” ou “pensamento maternal” a qual, segundo Miguel e Biroli (2009), afirma que:

“[...] as mulheres trariam um aporte diferenciado à esfera política, por estarem acostumadas a cuidar dos outros e a velar pelos mais indefesos. Com uma presença feminina mais expressiva nas esferas de poder, haveria o abrandamento do caráter agressivo da atividade política, que é visto como sendo inerentemente masculino. As mulheres trariam para a política uma valorização da solidariedade e da compaixão, além da busca genuína pela paz; áreas hoje desprezadas nos embates políticos, como amparo social, saúde, educação ou meio ambiente, ganhariam atenção renovada” (p. 69)

A construção de um “olhar” diferenciado na condução das políticas públicas, como singularidade de um governo composto por muitas mulheres, é indicada por Dilma Rousseff como uma das características fundamentais de sua gestão. A presidenta menciona o “olhar feminino” como o diferencial para a decisão de priorizar determinados temas historicamente relegados na política. O “olhar feminino” é essencializado a partir de características que reforçam estereótipos de gênero feminino como o cuidado, a minúcia, entre outros.

“[...] eu acho que nós provamos que no centro do poder, no Brasil, pode ter mulheres, que não é uma presidenta... Tem uma... Não, mas tem uma Presidenta, uma Ministra-Chefe da Casa Civil, uma Ministra das Relações Institucionais, uma Ministra da Comunicação Social. Acho que poucos governos no mundo, mesmo aqueles presididos por mulheres tiveram, no núcleo do poder, mulheres. [...] O olhar feminino é o seguinte: nós cuidamos mais... Vou te dar dois programas que eu acho que tem muito o olhar feminino: o tamanho da janela das casas, a cozinha e o azulejo. Eu acho que... os homens participaram, mas eu acho que tem muito o olhar feminino no programa de estímulo, de suporte das pessoas com deficiência.” [Entrevista Coletiva concedida aos jornalistas que fazem a cobertura do Planalto, 16/12/2011]

Dentre os temas historicamente desprezados da agenda pública e que o governo comandado por uma mulher tem o compromisso de dar centralidade, segundo Dilma Rousseff, é a promoção dos direitos das mulheres, mais especificamente, a defesa pública da igualdade entre os gêneros e a superação das formas de discriminação contra as



mulheres, com destaque para o enfrentamento à violência de gênero. Essa seria outro componente fundante da construção da ideia de governo feminino que se explicita nos discursos da presidenta.

“Neste dia dedicado mundialmente a cada uma de nós, que um governo comandado por uma mulher tem mais que obrigação de *lutar pela igualdade de gênero*, pela defesa intransigente dos mesmos direitos para homens e para mulheres. [...] Somos o governo com o maior volume de políticas públicas em favor da mulher em nossa história, mas precisamos e vamos fazer muito mais.” [Pronunciamento Dia Internacional da Mulher – 08/03/2013.]

“Eleonora vem para integrar o governo mais feminino da história do nosso país. E para surpresa de vocês, eu digo que é um governo feminino não apenas porque tem uma mulher na Presidência da República e dez mulheres à frente dos Ministérios. É um governo feminino, porque homens e mulheres do governo reconhecem a importância da mulher e os seus direitos na sociedade.” [Posse ministra Eleonora Menicucci – Secretaria das Mulheres, 10/02/2012]

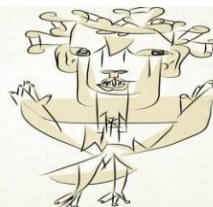
O elemento mais usado nos discursos e pronunciamentos de Dilma Rousseff para caracterizar o governo feminino é o fato de que sua gestão seria a que mais desenvolveu políticas públicas voltadas para as mulheres. Em diversas comunicações a presidenta usa a frase “*o governo que tem o maior conjunto de programas de apoio à mulher na nossa história*”.

“Queria dizer a vocês que me alegro muito hoje. Me alegrando porque nós não temos sido questionados por uma verdade que andamos afirmando, porque numa democracia muitas vezes se questiona todas as afirmações, mas eu tenho certeza que até agora essa não foi questionada: que *nós somos o governo com o maior volume de políticas públicas em favor da mulher em nossa história*. [Discurso Lançamento do Programa: Mulher Viver sem Violência – 13/03/2013. Grifo Nosso.]

Dentre as políticas desenvolvidas, destacam-se muitas que já eram implementadas na gestão de Lula, como Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida e o Proinfância. O caso mais emblemático dessa prática é a criação do Plano Brasil Sem Miséria, o qual se constitui numa ampliação do Bolsa Família que busca incluir aos programas sociais de transferência de renda as famílias que vivem em situação de extrema pobreza. O público alvo do plano são as pessoas que vivem com a renda igual ou inferior a R\$ 70; nas palavras da presidenta, a realização de políticas públicas de combate à pobreza se compõem os esforços efetivos na promoção dos direitos das mulheres.

“Comecei meu governo lançando um novo desafio: erradicar a pobreza extrema. São as próprias mulheres, que tanto sofrem com a pobreza, as principais aliadas das políticas voltadas para a sua superação. Elas têm prioridade em programas sociais, como o de transferência de renda e o de crédito para habitação, o que se reverte na melhoria da qualidade de vida delas mesmas e de suas famílias.” [Colóquio Participação das Mulheres (Nova Iorque), 19/09/2011]

“Em nossos programas mais importantes como o Bolsa Família, o Brasil sem Miséria, ao qual o Bolsa Família faz parte integrante, o Minha Casa, Minha Vida, nós, sistematicamente, reconhecemos o papel imprescindível e crescente das mulheres como chefes de famílias, como provedoras dos lares em que vivem, como responsáveis pela sobrevivência, pela formação, pela educação e pela oportunidade de milhões de crianças e jovens.” [Posse ministra Eleonora Menicucci – Secretaria das Mulheres, 10/02/2012]



Outro programa desenvolvido no âmbito do Plano Brasil Sem Miséria e que, nas palavras de Dilma Rousseff, confirma a marca feminina de seu governo, o compromisso com a execução de políticas públicas promotoras dos direitos das mulheres, é o Brasil Carinhoso. Esta ação concebida também a partir da ampliação de outras já existentes, viria dar reforço às políticas ligadas à saúde e à educação para crianças com idade de zero a seis anos. O anúncio do programa foi feito num Pronunciamento à Nação, realizado no Dia das Mães. Na ocasião, a presidenta faz questão de destacar o simbolismo da ação:

“Fico muito feliz de poder anunciar o Brasil Carinhoso no Dia das Mães. É uma forma de reafirmar, de maneira ainda mais contundente, que nosso governo tem o maior conjunto de programas de apoio à mulher e à criança da nossa história. Ou seja, é o Brasil cuidando cada vez mais de quem dá a vida e de quem faz o futuro.”  
[Pronunciamento Dias das Mães, 13/05/2012]

A análise dos discursos, tomados como construção da imagem de si, revelam o uso do gênero na comunicação da presidenta como uma estratégia de produção de identificações com a população. Como afirmado num discurso da própria Dilma Rousseff, o discurso de gênero como afirmação e defesa dos direitos das mulheres não é desagregador, afinal estas são,

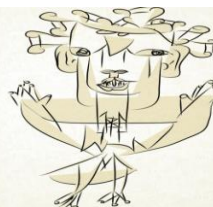
“[...] a maioria [da população] e a outra metade são nossos filhos, portanto, está tudo em família. E eles são obrigados a nos ajudar nesse processo, eles são grandes parceiros nossos e nos devem toda a quantidade de carinho, amor, atenção e cuidado que as mães desse país deram a cada um deles”. [Discurso Lançamento do Programa: Mulher Viver sem Violência – 13/03/2013. Grifo Nosso.]

#### 4. CONCLUSÕES

A análise dos discursos de Dilma Rousseff, durante a gestão do executivo federal, permite observar que há um reforço de estereótipos de gênero com a dimensão da maternidade que revela o cuidar, o detalhe como características do feminino. O que também se revelaria nos processos de constituição das políticas públicas. Há dois pontos vinculados às lutas feministas que são mobilizados nos discursos da presidenta: o enfrentamento à violência contra as mulheres e o reconhecimento da desigualdade no acesso aos postos de poder.

A partir da análise dos dados, compreendo que os usos da condição de gênero nos discursos de Dilma Rousseff apontam para a construção de um *ethos* de identificação. Segundo Charaudeau (2008) esses processos buscam construir o reconhecimento entre “político e cidadão através do uso de recursos afetivos, no interesse de criar uma fusão entre as identidades” (p. 137). Nesse sentido, é interessante notar que o teor dos discursos que remetem à identidade de gênero envolve relatos de experiências e narrativas que pretendem aproximar a presidenta dos mulheres e homens comuns.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRE, José Gomes. A vitória de Obama: significado, causas e consequências. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 21, mar. 2009. Disponível em <[http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-91992009000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992009000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 20 maio 2014.

BARREIRA, Irllys. **Chuvas de papéis**. Ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil. São Paulo, Relume Dumará, 1998. 234 páginas.

\_\_\_\_\_. **Imagens e Sombras: jogos de apresentação e influência em campanha eleitoral**. In: CARVALHO, Rejane Vasconcelos A. de (org). **A produção da política em campanhas eleitorais** – eleições municipais de 2000. Campinas: Pontes, 2003. p.165-190.

\_\_\_\_\_. **Imagens ritualizadas: apresentação de mulheres em cenários eleitorais**. São Paulo: Pontes. 2008.

CARVALHO, Rejane Vasconcelos A. **Campanhas Eleitorais e Comunicação Midiática** – ciclos de mudança e continuidade. Fortaleza, Edições UFC, 2013. 377 páginas.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2008.

MIGUEL, Luis Felipe. Perspectivas sociais e dominação simbólica: a presença política das mulheres entre Iris Marion Young e Pierre Bourdieu. **Revista Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, Junho, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782010000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 28 Maio de 2014.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. Mídia e representação política feminina: hipóteses de pesquisa. **Opinião Pública**, Campinas, v. 15, n. 1, Junho 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-62762009000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762009000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 30 Maio de 2014.